



GT DESIGN DE MODA: TEORIA E PRÁTICA – MARINGÁ (PR) – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR – 11 A 14 DE SETEMBRO DE 2011

ALEXANDER McQUEEN: O ESTILISTA DA IMAGINAÇÃO FANTÁSTICA DA MODA CONTEMPORÂNEA

ALEXANDER McQUEEN: THE FASHION DESIGNER'S FANTASTIC IMAGINATION OF CONTEMPORARY FASHION

Tarcisio D'Almeida (Professor do Curso de Design de Moda da EBA-UFMG, doutorando em Filosofia pela FFLCH-USP)

Resumo

A moda do estilista britânico Alexander McQueen tornou-se referência quando pensamos em inventividade e atitude visionária no processo criativo. Dotado de um espírito underground e ao mesmo tempo se utilizando de matérias-primas tecnológicas, as criações de McQueen respondem pela excelente qualidade de alfaiataria, imaginação e liberdade autônoma do ato de se fazer moda na vida contemporânea.

Palavras-Chaves

Alexander McQueen; Moda Britânica; Identidade Criativa; Atitude Visionária

Abstract

The British Alexander McQueen's fashion is a reference when we think about inventivity and also visionary attitude in the fashion creation process. He is in the same time underground, and an user of technological fabrics, his fashion creations answer for them quality excelent of tailoring, imagination, and liberty of the autonimous spirit to do fashion in contemporary life.

Keywords

Alexander McQueen; British Fashion; Creativity Identity; Visionary Attitude

Introdução

Este artigo tem uma missão extraordinária para suas breves linhas: unir, pela significação da ausência, a preposição 'sem' ao substantivo enriquecido de significações históricas 'moda' e ao nome próprio mais criativo da moda dos últimos tempos 'Alexander McQueen'. De maneira que o que se pretende aqui é relembrar a importância e pujança



GT DESIGN DE MODA: TEORIA E PRÁTICA – MARINGÁ (PR) – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR – 11 A 14 DE SETEMBRO DE 2011

criativa de um grande nome dessa indústria criativa e como esta se portará a partir de um triste fato: sua saída de cena no ano de 2010 por conta do suicídio.

Poucos nomes alçam à categoria de gênios; sejam eles na música, na ciência, na literatura, nas artes plásticas. Na moda também há alguns nomes que traduzem o espírito de genialidade ao propor visões estéticas para a mesma. E na moda contemporânea, do final do século XX e início do XXI, o jovem estilista britânico Lee Alexander McQueen é, sem sombra de dúvidas, o criador mais emblemático que confere a assinatura de autoral a tudo o que ele fez e propôs à moda. As concepções de imagens idealizadas em seus desfiles ficarão eternizadas no imaginário coletivo do mundo da moda e para além desta. Sua genialidade propunha e enxergava a moda como símbolo criativo das tensões das sociedades.

Com o suicídio de McQueen, aos 40 anos, na quinta-feira do dia 11 de fevereiro, em Londres, o universo da moda mundial sofreu mais um importante desfalque no ano de 2010. Deixa não somente os apreciadores da moda britânica como também de todo o mundo em estado de choque e com a sensação de um vazio e inquietação em relação ao futuro. Essa sensação de espécie de grau zero dos sentimentos, que nos suspende e nos desloca de tudo o que estamos fazendo, é disparado, dentre outros motivos, quando nos defrontamos com a ausência e a perda.

Assim como outros nomes monumentais da moda, tais como Paul Poiret, Coco Chanel e Christian Dior, entre outros, saíram da cena fashion, Alexander McQueen nos defronta, novamente, com esse mal estar. McQueen, durante sua curta mas produtiva carreira, é um capítulo essencial para compreendermos o momento inicial da história da moda contemporânea. Tornou-se, de certa forma, um dos nomes que podemos, sem excesso algum, nomear como um dos marcos divisores do tempo para a moda contemporânea, o que o torna sinônimo da mesma, entre a transição de séculos. Um tempo em que a sua genialidade respondeu tanto às sensibilidades, às imaginações, às apostas tecnológicas e aos mistérios criativos tão desejados pelos criadores de moda, mas que nem todos conseguem desempenhar como McQueen conseguia.



GT DESIGN DE MODA: TEORIA E PRÁTICA – MARINGÁ (PR) – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR – 11 A 14 DE SETEMBRO DE 2011

Aliás, tempo esse que era intemporal no processo criativo do criador. Ele tanto direcionava seus spots criativos para o passado e o re-significava, como também visionava o futuro na/da moda, não somente na utilização de matérias-primas ultra tecnológicas como também nas sugestões de peças incrivelmente construídas na fruição estética do fazer moda com inovação e alfaiataria impecáveis e de forma constante. E ele tinha pleno domínio de tudo isso. Foi discípulo do famoso berço dos melhores alfaiates de moda masculina do mundo, a tradicional rua de lojas Savile Row, no bairro de Mayfair, na região central da capital inglesa.

A formação e a busca pela experiência profissional

Lee formou-se em moda pela prestigiada Central Saint Martin's College of Art and Design, da University of the Arts London, assinou a direção de criação de alta-costura da maison Givenchy (de 1996 a 2001), mas percebeu que o formato da alta-costura de uma maison como Givenchy não seria seu lugar. Criou e emplacou sua própria marca, fez parceria com outras marcas, mas o que ele sempre soube fazer muito bem foi criar moda. Exatamente isso: criar moda com identidade e unicidade, fazendo com que todas as platéias, nos quatro cantos do planeta, pudessem sempre que vissem suas criações reconhecerem sua assinatura criativa. E isto não é fácil. Poucos criadores da moda conseguem essa espécie de 'autenticação' que sinaliza a força representativa entre criar e (de)marcar a moda de sua época, mesclando o olhar com pesquisas que re-signifiquem no passado mas também visionando o futuro.

McQueen poderia – e poderá sempre – ser nomeado não somente como 'fashion designer', como a língua inglesa adjetiva quem cria moda, mas, sobretudo, como um autêntico e irrepreensível criador autoral e conceitual. Costumeiramente chamado de ícone, prefiro lembrá-lo como 'enfant terrible' da moda inglesa, ele dramatizou e conferiu traços artísticos à moda, deixando-a se contaminar com outras linguagens e expressões artísticas como o cinema e a fotografia, por exemplo. Representa a última linhagem de criadores que estabeleceu, em primeiro plano, a verve criativa do autêntico criador em detrimento das exigências e ditames propostos pelo mercado, como fazem a maioria dos



GT DESIGN DE MODA: TEORIA E PRÁTICA – MARINGÁ (PR) – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR – 11 A 14 DE SETEMBRO DE 2011

chamados diretores de criação. Também pode-se destacar que as apresentações de suas coleções nunca se satisfaziam apenas como desfiles com mostragens de looks, mas sim performances completas encaixando-se no que compreendemos hoje por arte contemporânea, expressa via performances, disputadas não só pelo métier da moda, assim como por artistas de todo o mundo.

Criatividade premiada

Desejava sempre o estético nas construções de imagens únicas para sua moda. Talvez por isso, despertou as atenções e os reconhecimentos do maior órgão do setor da indústria da moda e têxtil da Grã-Bretanha. Foi laureado diversas vezes pelo British Fashion Awards (BFA): nos anos de 1996, 1997, 2001 e 2003 como o Melhor Estilista; em 2000, com o Rover's People's Awards; e em 2004, como Melhor Designer de Moda Masculina. Todos concedidos por The British Fashion Council. Em dezembro de 2010, McQueen recebeu o prêmio póstumo Outstanding Achievement in Fashion Design do BFA, que simboliza o reconhecimento a um estilista pelo impacto de sua carreira na indústria internacional da moda. Em outras palavras, pela relevância do 'conjunto da obra'.

O que se fez antes, durante e – a partir de agora – era pós-Alexander McQueen será um marco histórico e estético para a moda. A própria História da Moda e seu natural distanciamento nos confirmará isso daqui a algum tempo. Não somente pelas suas pesquisas bem realizadas dos temas, inspirações, de suas coleções, como a última batizada de “Atlântida de Platão” (desfilada em outubro de 2009 com as apostas para o verão 2010) e inspirada na mitologia grega e na cidade perdida, assim como pelos conceitos e imagens emblemáticas mostrados nas passarelas de seus desfiles, nas campanhas publicitárias, mas sobretudo por enxergar na moda inúmeras facetas de se fazer criatividade. A abrupta interrupção do criador o impediu de estreitar sua segunda marca, a McQ, que seria apresentada na Mercedes-Benz Fashion Week, em Nova York, e que teve como inspiração, coincidentemente, a banda de rock Nirvana e em especial o vocalista Kurt Cobain. O desfile foi cancelado em decorrência do suicídio de McQueen, em sua casa, em Londres.



GT DESIGN DE MODA: TEORIA E PRÁTICA – MARINGÁ (PR) – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR – 11 A 14 DE SETEMBRO DE 2011

Criador eternizado

O que passamos a assistir agora é ao processo de eternização do artista, do criador de moda. Ou seja, McQueen sempre foi a tradução fiel de todos aqueles adjetivos que ansiamos em um criador de moda: ‘livre’, ‘autoral’, ‘despojado’, ‘imaginativo’, ‘criativo’, ‘estético’, ‘provocador’. Podemos ainda dizer que ele era o verdadeiro estilista da imaginação fantástica; esta que desprende as pessoas pelas incomensuráveis sensibilidades. Com ele podemos testemunhar que a moda tem livre passe entre os universos artísticos e sinestésicos da humanidade. Suas visões (ou seriam idealizações o melhor termo?) nos brindavam, a cada desfile de cada estação, com aquilo que esperamos nos verdadeiros criadores-autorais: a autonomia e a liberdade de espírito criativo de (re)propor a moda na vida contemporânea. De fato, a fusão da vida contemporânea à moda também contemporânea era o pano de fundo para McQueen e seu rico e instigante processo criativo.

Porém, o grande desafio está lançado à moda: reinventar-se e repropor novos talentos continuamente, sobretudo, por ter sofrido baixas importantíssimas nos últimos anos, como as mortes da stylist inglesa Isabella Blow e do estilista italiano Gianfranco Ferré (ambos no ano de 2007); além do estilista francês Yves Saint-Laurent (em 2008); os fotógrafos de moda Herb Ritts (em 2002), Helmut Newton e Richard Avedon (ambos em 2004); Irving Penn e Otto Stupakoff (ambos em 2009) e Corinne Day (em 2010); além de Alexander McQueen (também em 2010). Este último nos deixa com uma pergunta inquietante: algum novo talento da moda se habilitará a substituir o insubstituível? Já começamos a testemunhar uma viabilidade para tal pergunta com Sarah Burton, assistente que trabalhou com McQueen durante 14 anos e que assumiu a direção criativa da marca.

Assim como ocorreu com Yves Saint-Laurent quando assumiu Christian Dior, nos anos 1950's, e John Galliano na mesma maison, nos anos 1990's; Karl Lagerfeld ao substituir Coco Chanel; ou mesmo Nicolas Ghesquière ao reinventar Cristobal Balenciaga; agora é a vez de Sarah Burton dá continuidade ao legado e à identidade do DNA de Alexander McQueen. O traço do design das peças permanece, mas as performances imagéticas



GT DESIGN DE MODA: TEORIA E PRÁTICA – MARINGÁ (PR) – CENTRO UNIVERSITÁRIO CESUMAR – 11 A 14 DE SETEMBRO DE 2011

ainda não respondem ao ideário 'mcqueeniano'. Podemos continuar a imaginar e idealizar a moda, pois o sonho não acaba ao testemunharmos a nova genialidade britânica de fazer moda com os desfiles-performances do novo 'enfant terrible' Gareth Pugh.

Referências

D'ALMEIDA, Tarcisio. "Ser Autoral, Ser Criativo: Ensaio sobre o Processo de Criação no Mundo da Moda". *Anais do IV Colóquio de Moda 2008*, Novo Hamburgo (RS), Feevale, 29 de set. a 02 de out. de 2008. p.1-9.

ENGLISH, Bonnie. *A Cultural History of Fashion in the 20th Century*. Oxford: Berg, 2007.

EVANS, Caroline. *Fashion at the Edge: Spectacle, Modernity, and Deathliness*. New Haven & London: Yale University Press, 2003.

GREEN, Alice. *Alexander McQueen*. London: Artnik Books, 2006.

GUERRA, Flavia. "Adeus a Alexander McQueen, o Hooligan da Moda Inglesa". *Site O Estado de S.Paulo*, 12 de fevereiro de 2010. p.1-2. (Disponível em http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100212/not_imp510113,0.php). Acessado em: 12/02/2010.

KNOX, Kristin. *Alexander McQueen: Genius of a Generation*. London: A&C Black, 2010.

McROOBIE, Angela. *British Fashion Design: Rag Trade or Image Industry?* London: Routledge, 1998.

"A 'OVELHA rosa' se foi". *Veja*, ed. 2152, ano 43, n. 7, 17 de fevereiro de 2010. p.60.